

Cerrado e Terras Privadas: Protagonismo estratégico e necessário para a conservação

Dhemerson E. Conciani; Fernanda F. Ribeiro; Roberta C. Rocha; André F. A. Andrade; Bárbara C. Silva; Vera L. S. Arruda; João P. F. M. Ribeiro; Ray P. Alves; Carlos C. Durigan; Carolina S. D. Guyot; Ana Carolina M. Pessôa; Filipe V. Arruda; Luiz F. M. Martenexen; Ane Alencar

Cerrado invisível, mas estratégico: apesar de ser a savana mais biodiversa do planeta e concentrar 60% da produção agrícola brasileira, o Cerrado segue sub-representado nas políticas nacionais e na agenda climática internacional.

Desmatamento e emissões: o bioma perdeu 40 milhões de hectares (Mha) de vegetação nas últimas quatro décadas e concentra hoje 72% do desmatamento em imóveis rurais, tornando-se um dos principais vetores das emissões de gases de efeito estufa (GEE).

Produção e proteção: existem 14 Mha de pastagens degradadas no Cerrado, áreas estratégicas para intensificação de atividades agropecuárias sustentáveis sem necessidade de novos desmatamentos, representando um potencial de aumento de até 50% na área de agricultura.

Incentivos à conservação: mecanismos de Pagamento por Serviços Ambientais, como o Projeto Conserv, demonstram que é possível remunerar produtores pela restauração e proteção da vegetação nativa e paisagens naturais, para além do exigido por lei, conciliando conservação, produção e renda.

Contexto

A COP30, que será realizada em Belém no estado do Pará em 2025, coloca o Brasil no centro das negociações climáticas globais. Além da Amazônia, sede do evento, o país abriga o Cerrado, o segundo maior bioma da América do Sul, a savana mais biodiversa do planeta e um dos 36 *hotspots* globais de biodiversidade¹, a qual apresenta alto grau de endemismo². Paradoxalmente, é o bioma que tem apresentado um dos maiores processos de degradação territorial por ser o foco nas últimas décadas de uma grande expansão de atividades agropecuárias e onde se

concentra 42% da área de agricultura do país³, respondendo por cerca de 60% da produção nacional⁴.

Atualmente, a vegetação nativa ocupa uma área de 101 milhões de hectares (Mha) no Cerrado, o equivalente a 51% da área total do bioma³. Apesar de sua relevância ambiental e econômica, o Cerrado segue pouco contemplado nas políticas nacionais voltadas à conservação e na agenda climática internacional.

A pressão exercida pelo desmatamento sobre a vegetação nativa do Cerrado, que engloba vegetação savânica, florestal e campestre, compromete tanto a regulação climática quanto a segurança hídrica e alimentar, ampliando a urgência de integrar o Cerrado efetivamente nas estratégias de mitigação e adaptação dos instrumentos de combate às mudanças climáticas⁵.

A escolha da Amazônia como sede da conferência é simbólica e importante, mas o Brasil também tem a oportunidade estratégica de posicionar o Cerrado no debate ambiental global, articulando compromissos mais ambiciosos que conciliem a proteção ambiental e a transição para uma produção agropecuária baseada em práticas sustentáveis e de baixas emissões de gases de efeito estufa (GEE). Por ser a savana mais modificada pela expansão da agricultura no mundo, o Cerrado representa uma grande oportunidade de unir estratégias de avanço econômico e conservação ambiental através da integração de políticas, mercados e incentivos que alinhem conservação e produção.

Mudanças de cobertura e uso da terra e emissões de GEE

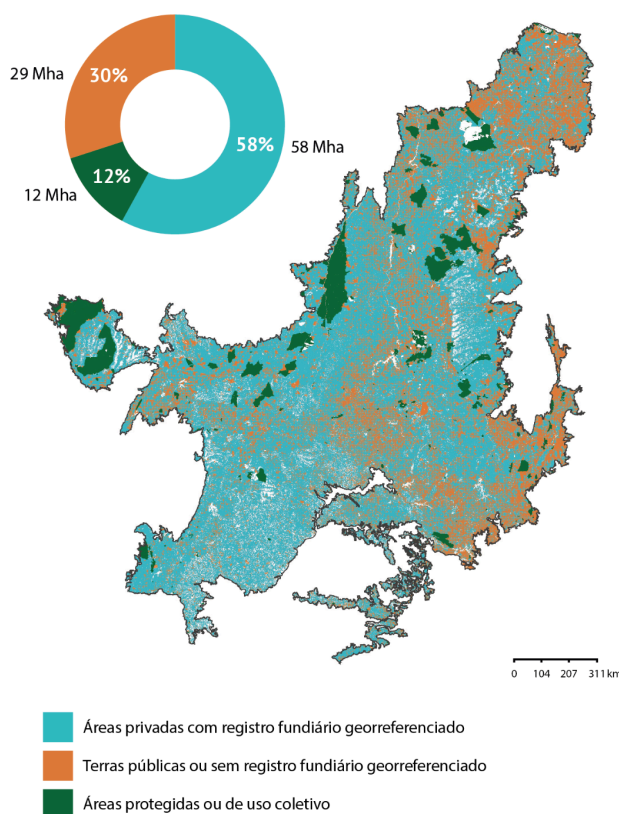
No Brasil, cerca de 70% das emissões de gases de efeito estufa têm origem em mudanças no uso e cobertura da terra, em especial o desmatamento, e nas práticas agropecuárias⁶. O Cerrado é hoje um dos principais focos dessa dinâmica. Nas últimas quatro décadas, o bioma perdeu aproximadamente 40 Mha de vegetação nativa, sobretudo em formações savânicas (26 Mha), florestais (10 Mha) e campestres (4 Mha)³. As tipologias savânicas e campestres não estão integralmente contempladas pela *European Union Deforestation Regulation* (EUDR), o que reduz incentivos para sua conservação e aumenta a vulnerabilidade desses ecossistemas⁵.

O setor privado desempenha papel central nesse processo. Aproximadamente 72% do desmatamento ocorrido no Cerrado nas últimas quatro décadas se concentrou em imóveis rurais, principalmente para a expansão de pastagens e da produção de commodities agrícolas⁷. Ao mesmo tempo, essa condição também representa uma oportunidade estratégica: 58% dos remanescentes de vegetação nativa do Cerrado encontram-se nesses imóveis⁵ (Figura 1), superando a proporção presente em áreas protegidas (12%) e em terras públicas ou sem registro fundiário georreferenciado (30%), tornando o setor privado o principal ator para a conservação do bioma.

Quem protege o Cerrado?

Distribuição da vegetação nativa por categoria fundiária (2024)

58% da vegetação nativa está em propriedades privadas - o setor produtivo é chave para conservar o Cerrado



Cerrado em números (2024)

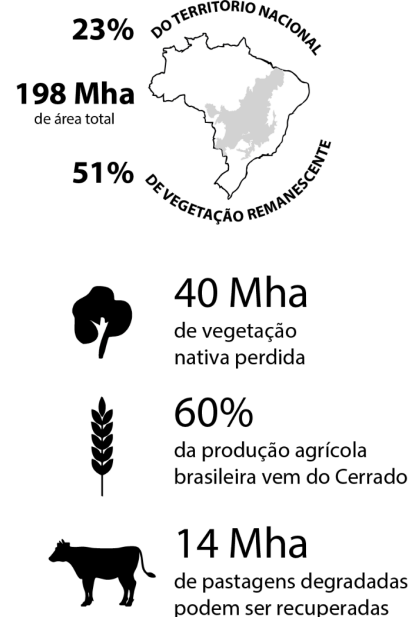


Figura 1. Área de vegetação nativa no Cerrado por categoria fundiária no ano de 2024.

Fonte: MapBiomas Coleção 10 e Cartas de Terra⁸.

Além do desmatamento, o uso recorrente do fogo — responsável por 58,1% da área queimada em propriedades privadas⁹ — pode ser outro vetor de degradação, alterando o regime natural de fogo do Cerrado, que passa de eventos pontuais e de baixa intensidade para incêndios mais frequentes, extensos e no pico da seca, ao contrário do fogo natural, que tende a ocorrer na transição entre estações.

Integrando soluções

O Código Florestal (Lei 12.651/2012) estabelece percentuais de Reserva Legal de 20% para propriedades no Cerrado e de 35% para áreas de Cerrado localizadas na Amazônia Legal. Na prática, isso significa que, embora cerca de 45% da área total das propriedades privadas ainda esteja coberta por vegetação nativa, até 31 milhões de hectares permanecem passíveis de desmatamento legal¹⁰. Esse cenário evidencia uma fragilidade normativa que mantém pressões significativas sobre os remanescentes do bioma.

Ao mesmo tempo, existem oportunidades claras para reduzir a pressão pela abertura de novas áreas através da intensificação agrícola, como, por exemplo, a transição de pastagem para agricultura. Aproximadamente 14 milhões de hectares de pastagens do Cerrado (27% do total de pastagens) encontram-se degradadas ou com baixo vigor¹, podendo ser recuperadas ou convertidas para usos agrícolas mais produtivos (Figura 2). A priorização de investimentos nessas áreas é estratégica para aumentar a eficiência da produção sem ampliar o desmatamento.

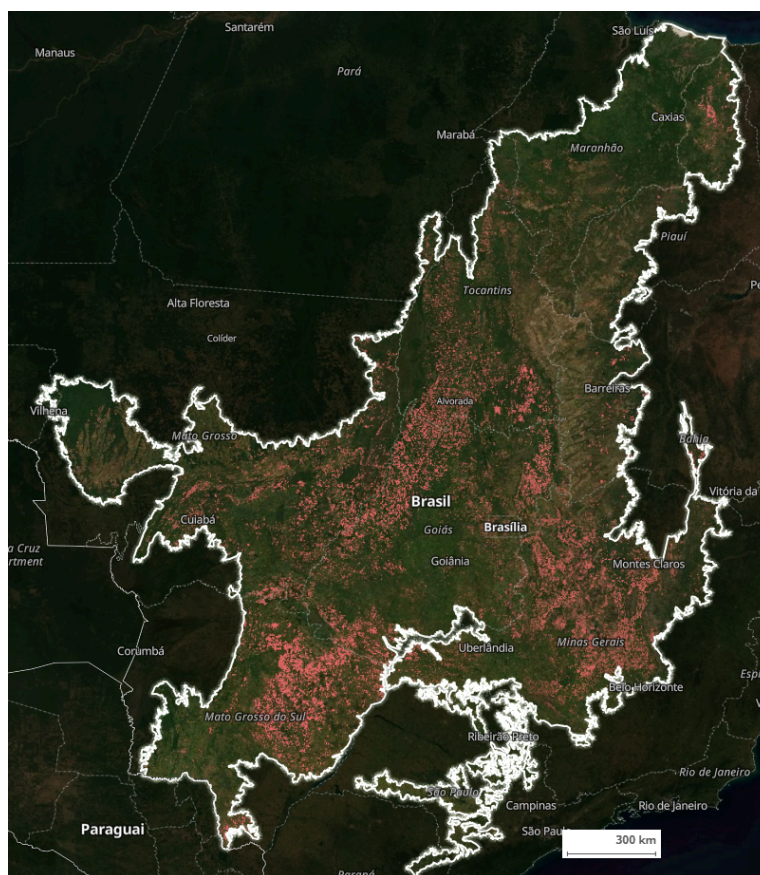


Figura 2. Pastagens degradadas (baixo vigor) em vermelho para o Cerrado no ano de 2023. Fonte: MapBiomas Coleção 9, 2024. Imagem de fundo Google Imagery.

Outro vetor promissor é a vegetação secundária: cerca de 10% da cobertura nativa remanescente do Cerrado (10 Mha) encontra-se em processo de regeneração natural. Essas áreas devem ser priorizadas em políticas de recuperação passiva, dada sua baixa necessidade de intervenção e seu elevado potencial de sequestro de carbono. Além disso, fornecem serviços ecossistêmicos essenciais em propriedades rurais, como proteção de nascentes, provisão de recursos hídricos e incremento da polinização. Um zoneamento estratégico potencializaria ainda a melhoria no provimento de serviços ecossistêmicos e conservação da biodiversidade ao se buscar criar corredores de conectividade entre as áreas ocupadas por vegetação nativa, gerando um cenário produtivo, sustentável e promotor da biodiversidade.

Recomendações para redução do desmatamento

- Fortalecer a Política Nacional de PSA (Lei 14.119/2021), atraindo investimentos públicos e privados para a conservação.
- Estimular linhas de financiamento do Crédito Rural Ambiental (CRA), promovendo alternativas produtivas de baixo impacto.
- Ampliar iniciativas como o Projeto Conserv, reforçando incentivos econômicos para manter vegetação nativa além do Código Florestal.
- Promover a transição para uma economia rural mais sustentável, baseada em incentivos econômicos claros e valorização das funções ecológicas do Cerrado.
- Consolidar o Cerrado na estratégia climática do Brasil, projetando liderança internacional em soluções que conciliam produção e conservação.

Referências bibliográficas

¹ MYERS, Norman et al. Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature*, v. 403, n. 6772, p. 853-858, 2000.

² MACHADO, Ricardo B. et al. Brazil: Plan for zero vegetation loss in the Cerrado. *Nature*, v. 615, n. 7951, p. 216-216, 2023.

³ Projeto MapBiomas – Coleção 10 de mapas anuais de cobertura e uso da terra, acessado em 03/09/2025 através do link: <https://plataforma.brasil.mapbiomas.org/>

⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. *Produção agrícola municipal 2022: culturas temporárias e permanentes*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Relatório analítico — 12 p. (Série: Produção agrícola municipal, ISSN 0101-3963)

⁵ PINHO, Patricia et al. Protecting the Brazilian Cerrado: conservation strategies and the EUDR's emphasis. *Environmental Research Letters*, v. 20, n. 4, p. 041004, 2025.

⁶ Sistema de Estimativa de Emissões de Gases do Efeito Estufa (SEEG), acessado em 03/09/2025 através do link: <https://seeg.eco.br/>

⁷ Destaques do mapeamento Anual de Cobertura e Uso da terra: Bioma Cerrado, acessado em 03/09/2025 através do link : https://brasil.mapbiomas.org/wp-content/uploads/sites/4/2024/09/Factsheet-Cerrado_C9_17.09.24_FG-e-AG_v3.pdf

⁸ GPP(ESALQ/USP), IMAFLORA e CITE, 2024. Nota técnica: Malha fundiária Matricial do Brasil – Piracicaba, SP, Brasil. Acesso: <https://cartasdaterra.com.br/>

⁹RAF 2024: Relatório Anual do Fogo, acessado em 08/09/2025 através do link:
<https://brasil.mapbiomas.org/mapbiomas-fogo/>

¹⁰Termometro do Código Florestal, acessado em 03/09/20205 através do link:
<https://termometroflorestal.org.br/>